

Organizadores:
Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira



Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil

Volume 1

Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT



Nilson Almino de Freitas é bolsista de produtividade do CNPQ (PQ2). Graduado em Ciências Sociais (Bacharelado) pela UFC (1994), mestrado em Sociologia pela UFC (1999), doutorado em Sociologia pela UFC (2005) e Pós-Doutorado em Estudos Culturais no Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ (2011). Atualmente é professor Associado da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Pesquisador Associado do Pós-doutorado em Estudos Culturais do Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ, professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia da UECE, faz parte do quadro permanente do Mestrado Profissionalizante em Rede de Ensino de Sociologia na UVA e foi professor do quadro permanente do Mestrado Acadêmico em Geografia entre 2014 e 2019 na UVA. Coordena o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – Labome.



Claudia Turra Magni é Graduada em História (1983-1987), com mestrado em Antropologia Social (1990-1994) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutorado em Antropologia Social e Etnologia pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, 1997-2002). Professora (associada 3) do Depto. de Antropologia e Arqueologia (Bacharelado e Pós-Graduação em Antropologia) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), onde coordena o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS/ICH/UFPEl), desde 2008, e o coletivo Antropóéticas (Grupo de Pesquisa do CNPq). Pesquisadora associada ao Institut d'Ethnologie Méditerranéenne, Européenne et Comparative (IDEMEC) vinculado à Université Aix-Marseille/AMIU e ao Centre National de Recherche Scientifique/CNRS, onde realizou pós-doutorado (2019-2020). Membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) desde 1994.



Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira é Professor, pesquisador, realizador audiovisual e fotógrafo, é doutorando e mestre em Comunicação (UFPE), com ênfase em Cinema Indígena e Documentário e bacharel em Ciências Sociais (UFC), com ênfase em Antropologia Visual e Etnologia Indígena. Tem experiência nas áreas de cinema e audiovisual, documentário, fotografia, antropologia visual, etnografia e etnologia. É membro do Grupo de Pesquisa “Imagens Contemporâneas” (PPGCOM/UFPE), da Rede Internacional de Cooperação em Artes, Educação e Humanidades (RedArth - Portugal), das Comissões Organizadoras dos projetos de extensão IX Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife (UFPE) e X Visualidades (UVA - Sobral/CE). Associado da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine), da Associação de Investigadores da Imagem e Movimento (AIM - Portugal) e da Associação para o Documentário (Apordoc - Portugal). Foi cofundador do Laboratório de Antropologia da Imagem - LAI/UFC (2005) e sócio-fundador do Instituto da Fotografia - IFOTO (Fortaleza, 2005).

Organizadores:
Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira



Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil

Volume 1



Sobral-CE
2022



Trajétórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil. Volume 1

© 2022 copyright by Nilson Almino de Freitas, Claudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Alex Giuliano Vailati
Alice Fátima Martins
Ana Luiza Carvalho da Rocha
Daniel Schroeter Simião
Daniele Borges Bezerra
Edgar Teodoro da Cunha
Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama
Ilana Strozenberg
José da Silva Ribeiro
Luis Felipe Kojima Hirano
Otávio José Lemos Costa
Patrícia dos Santos Pinheiro
Paulo Passos de Oliveira
Rumi Regina Kubo
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros

Trabalho técnico de transcrição:

Alessandro Barbosa Lopes
Alessandro Ricardo Pinto Campos
Alexsânder Nakaôka Elias
Antonio Jarbas Barros de Moraes
Caio Nobre Lisboa
Daniele Borges Bezerra
Eric Silveira Batista Barreto
Tanize Machado Garcia
Vicente de Paulo Sousa

Apoio técnico às entrevistas online:

Vicente de Paulo Sousa

Revisão:

Celina Maria Linhares Paiva

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Imagens de capa:

Fabrizio Barreto Fuchs - Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (Leppais)
Paula Morgado e a bolsista Mariana Baumgaertner trabalhando no acervo fotográfico no Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA, 2017)

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

Realização:



Apoio:



T765 Trajetórias pessoais na antropologia (audio) visual no Brasil. / Organizado por Nilson Almino de Freitas, Cláudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira – Sobral- CE: Sertão Cult, 2022.

342p.

ISBN: 978-65-5421-012-6 - papel
ISBN: 978-65-5421-011-9 - e-book em pdf
Doi: 10.35260/542101119-2022

1. Antropologia visual. 2 História da Antropologia. 3. Cinema. 4. Ciências Sociais. I. Freitas, Nilson Almino de. II. Magni, Cláudia Turra. III. Bandeira, Philipi Emmanuel Lustosa. IV. Título.

CDD 301



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Dedicado à Professora Patrícia Monte-Mor
(*in memoriam*)

Prefácio

No ano de 2020, a pandemia da COVID-19 pôs em risco a existência da humanidade, desafiando-nos a viver o isolamento sanitário sob normas e restrições até então desconhecidas. Em meio a este drama traumático, com apoio da ciência e da tecnologia, foi preciso reinventar formas de relacionamento social e profissional, lançando mão de resiliência, criatividade e solidariedade. O trabalho remoto foi incorporado ao nosso cotidiano, revelando possibilidades até então impensáveis na conexão entre pessoas, coletivos, organismos e instituições, que passaram a promover intercâmbios e eventos *online* de toda ordem.

É nesse contexto que surgem as “Webconferências sobre Trajetórias Pessoais na Antropologia Visual do Brasil”, organizadas de forma remota, via *StreamYard*, pelo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (LABOME/UVA), com o apoio do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som da Universidade Federal de Pelotas (LEPPAIS/UFPel) e de seu Coletivo Antropoéticas, além do Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia (CAV/ABA). Este projeto veio responder à iniciativa da Editora SertãoCult para que os membros de seu Conselho Editorial realizassem uma série de doze entrevistas remotas em suas respectivas áreas de pesquisa, visando à publicação do material reunido em *e-book*, para distribuição gratuita no âmbito de uma série chamada “Territórios Científicos”.

Ocorre que este leque inicial de entrevistas mostrou-se insuficiente para dar conta da vastidão e do vigor da Rede de Pesquisa em Antropologia Visual Brasileira, atualmente espalhada por todas as regiões do país. Isso estimulou os organizadores a “dobrarem a aposta” com um segundo volume, proposta que foi imediatamente acolhida pela editora, na medida em

que outro membro do Conselho Editorial também integra a equipe. Mas vinte e quatro entrevistas pareceu-nos ainda pouco representativo da densa tecitura que compõe esta Rede de Pesquisas, de modo que recorremos à captação de recursos via *crowdfunding* para um terceiro volume desta série. Cientes de que a relevância das trajetórias de profissionais que se cruzam, se tangenciam e se retroalimentam neste campo de atuação impõe limitações e incompletudes ao projeto, elegemos alguns critérios de escolha das pessoas a serem entrevistadas: a diversidade em termos regionais, institucionais, étnicos, raciais, de gênero; a variedade geracional quanto ao envolvimento no campo da Antropologia Visual, e ainda a participação em alguma edição precedente do programa de extensão Visualidades¹, promovido anualmente pelo LABOME desde 2009 e que, no ano de 2020, teve de ser suspenso devido à pandemia.

Ao todo, portanto, são três *e-books*, totalizando trinta e seis capítulos revisados e editados pelos/as entrevistados/as, de acordo com o que consideraram mais significativo frisar ou alterar em seus depoimentos. O material foi transcrito por discentes e docentes de graduação e pós-graduação, os quais assinam a coautoria dos capítulos, na medida em que entendemos a transcrição como uma interpretação da escuta do audiovisual, implicando na transformação da linguagem oral para a linguagem escrita. Convidados/as eventuais na condução das conversas também foram considerados coautores/as dos capítulos, enquanto aos três entrevistadores/a mais assíduos/a coube a função de organização da série.

A distribuição das entrevistas nos 3 volumes não buscou estabelecer um ordenamento cronológico, geracional, hierárquico ou outro, mas meramente atender às exigências do ritmo editorial, de acordo com o tempo das transcrições e de sua revisão por parte das pessoas entrevistadas. Assim, o conjunto do material encontra-se disponibilizado ao público em dois formatos:

1 O Visualidades oferece formação e mostras descentralizadas no campo das artes visuais, especialmente documentário, fotografia, desenho, pintura e instalações artísticas. Nos últimos anos, ganhou dimensão nacional e, antes da pandemia, envolveu 39 lugares, como escolas públicas de ensino básico, ONG's, equipamentos de assistência social e até nas ruas de bairros pobres de 13 cidades envolvidas. Os profissionais que haviam participado de conferências, minicursos e mesas redondas em alguma das dez edições precedentes foram convidados para as webconferências. O portfólio do Visualidades, pode ser visto no link: https://linkin.bio/labome_uva.

textual (editado e sintetizado em *e-book*) e audiovisual, com a integralidade das webconferências, acessíveis na página do LABOME² no *YouTube*.

As webconferências não tiveram limitação de tempo, nem roteiro rígido de perguntas, configurando-se mais como um espaço de diálogo aberto, incluindo comentários e perguntas do público. Houve depoimentos mais longos, com cerca de 4 horas de duração, outros mais sucintos, mas todos ricos em informações, referências e reflexões. Para além dos iniciantes, que acompanhavam de forma síncrona, também foram muito assíduos os integrantes desta comunidade de pesquisas, que encontraram nestes eventos remotos uma oportunidade de reafirmação de seus laços intelectuais e afetivos, na medida em que congressos, seminários e festivais onde costumavam se encontrar estavam suspensos. Estas entrevistas, portanto, não foram pautadas pela impessoalidade; ao contrário, elas fluíam conforme a identificação pessoal dos/as entrevistadores/as e participantes externos, de acordo com o tema e a experiência particular de cada um/a.

Na narrativa das pessoas entrevistadas, percebe-se o gosto pela revisão e reflexividade de seus percursos, entrelaçados com o de mestres, discípulos, colegas, estudantes, coletividades, associações e instituições, com os quais tecem relações dinâmicas, cumplicidades e/ou divergências e disputas. Mais do que meras autobiografias, portanto, estes experimentos narrativos acentuam múltiplos caminhos, envolvimento específicos, tensões e diferenças importantes que dão a ver o lastro no qual emerge e vai se delineando um campo de saber e atuação profissional que foi conquistando espaço e legitimação epistemológica, acadêmica e social ao longo das últimas e décadas. Com a publicação destes relatos, pretendemos contribuir na constituição de um material de base para a tarefa instigante de compreensão da implantação, do desenvolvimento e de desdobramentos deste campo da Antropologia no Brasil. Em que pese o movimento rizomático e a sinergia entre várias trajetórias particulares guiadas pela busca de sentido a suas práticas, esta análise não poderá desconsiderar os afetos multisituados envolvendo vários agentes, temas, métodos e técnicas, que ora convergem, ora divergem, de modo que cada experiência pessoal rompe rotinas estáveis e lógicas universais, sem desprezar tradições locais, regionais, nacionais e internacionais. Sem o intuito de identificar uma “mídia

2 A playlist completa pode ser acessada pelo link: https://www.YouTube.com/playlist?list=PLrKSbcOn7CPlNaOF35Gi_ZrB2H7z7H7.

geral” entre trajetórias singulares, ou de cristalizar “formas de fazer” para a Antropologia (Audio)visual, nosso propósito foi o de valorizar as experiências e subjetivações através de histórias engajadas em movimentos, agências, desejos e potências coletivas.

Nilson Almino de Freitas
Claudia Turra Magni
Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira
Orgs.

A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, e do volume dois, Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva, a série Território Científico chega ao seu terceiro volume, que reúne alguns dos maiores pesquisadores da Antropologia Visual. É com orgulho que apresentamos Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil - Volume 1.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Antropologia Visual brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país. E mais: é só o primeiro volume de uma série de três, nos quais são reunidas três dezenas de entrevistas. Estas obras já surgem como referência para aqueles que buscam conhecer a Antropologia Visual.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Marco Antônio Machado

Coordenadores da Série Território Científico

Apresentação

Inicialmente, gostaria de agradecer aos organizadores o convite para escrever a Introdução deste primeiro volume da série de publicações **Trajetórias Pessoais na Antropologia (Áudio)Visual do Brasil**, organizado por Nilson Almino de Freitas, Claudia Turra Magni, Philipi Emmanuel Lustosa Bandeira entre outros colegas.

Início minha introdução destacando que as histórias e as estórias que foram aqui relatadas versam sobre uma importante aventura espiritual, intelectual e ética para a formação da área da Antropologia visual contemporânea, seja nacional, seja internacional. Meus comentários sobre este volume dessa importante série de publicações vai compor-se de idas e vindas de minhas relações subjetivas e afetivas com o tema em questão, em um esforço de fazer o leitor despertar para os jogos de memória que mantêm viva a Antropologia audiovisual no Brasil.

Assim, para prosseguir, gostaria que o leitor se posicionasse no contexto de minha escrita segundo as palavras enunciadas por Marcel Proust (1971:305), no seu projeto inconcluso de crítica ao método crítico de Sainte-Beuve (1804-1969) para o estudo da arte literária: “Os belos livros são escritos numa espécie de língua estrangeira. Sob cada palavra, cada um de nós coloca o seu sentido ou pelo menos a sua imagem, que frequentemente é um contra-senso.” Não será por acidente que recorro, portanto, à minha ligação particular com esse campo de conhecimento para falar da obra em si, ao invés de apresentar os encadeamentos narrativos entre as trajetórias intelectuais apresentadas ou buscar entre elas, a todo o custo, uma ordenação num tempo específico.

Vou seguir aqui um certo excursão interpretativo para o que peço a compreensão do leitor. Nesse momento, vêm à minha mente os comentários de

meu mestre, Gilberto Velho, em sua obra *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia das sociedades complexas*³, e que dizem respeito à condição do antropólogo pesquisando sua própria cidade. Isto se deve ao fato de que fui desafiada pelos meus colegas organizadores deste volume a tornar conhecido algo que sempre me foi familiar.

Logo, ainda para instruir o leitor sobre esta Introdução, confesso que, ao ler os depoimentos contidos nesta publicação, ainda que projetasse me manter vigilante no momento da leitura, não consegui me desprender das lembranças dos encontros diversos que compartilhei com os(as) colegas na nossa luta para legitimar os usos dos recursos audiovisuais para os avanços da pesquisa antropológica no Brasil.

A leitura que fiz da obra fez-me rememorar, portanto, alguns temas clássicos abordados pelo meu querido mestre, em sua extensa obra, em especial, em seus estudos sobre *Projeto, e metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas*⁴ e *Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*⁵. Não obstante o título da série apontar para as trajetórias pessoais na Antropologia visual do Brasil, minha leitura foi pautada por algumas normativas dos estudos da Antropologia das sociedades complexas, agora aplicada a nós próprios, antropólogos e antropólogos.

Os acontecimentos, as situações e os fatos aqui presenciados por nossos narradores constituem valiosos conjuntos de experiência de diferentes profissionais ao longo de suas trajetórias acadêmicas e de pesquisa na direção da criação, da consolidação e da expansão do campo disciplinar da Antropologia audiovisual no Brasil, ou Antropologia visual, como alguns podem preferir. Peço, assim, a atenção ao leitor sobre peculiaridades das informações, dos dados e dos fatos contidos nos testemunhos de meus colegas com quem dialogo a partir de minha área de atuação, a da Antropologia da imagem e do imaginário.

Mais que trajetórias pessoais, destaco que se tratam de trajetórias individuais no interior de uma área de conhecimento específica da Antro-

3 VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

4 VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

5 VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1986.

pologia, considerada nos termos de um espaço sociocultural no interior do qual se tecem, finalmente, cada uma das trajetórias intelectuais aqui apresentadas. As entrevistas tratam, em muitas passagens, dos “quadros socio-históricos”, nos termos de Gilberto Velho (1981), que marcaram o processo de formulação e implementação dos projetos individuais de cada entrevistado(a) no campo da Antropologia brasileira.

Ao manusear este volume, peço ao leitor especial atenção à presença de diferentes projetos sociais que atuaram na formação específica da área da Antropologia audiovisual no Brasil. Da mesma forma, sugiro que reflitam atentamente acerca das peculiaridades e das singularidades que marcaram especialmente o percurso de consolidação desta matriz disciplinar no interior da pesquisa nas ciências humanas e sociais do país. E assim, a consolidação dessa área de conhecimento nas instituições de pesquisa e no ensino de graduação e pós-graduação do Brasil, as quais pertencem, diferenciadamente, cada um dos(as) entrevistados(as).

Reforço mais uma vez que se tratam de trajetórias que se desenrolam no campo das produções intelectuais, a da Antropologia do e no Brasil, e que vão convergir em um projeto coletivo, o da formação da área da Antropologia audiovisual brasileira, vivido singularmente por cada um dos indivíduos aqui entrevistados. Lembrando os estudos de meu mestre, o leitor está acessando biografias e trajetórias individuais que se expressam em projetos individuais, na direção de uma carreira profissional (VELHO, 1981) numa área específica de ensino e pesquisa da Antropologia brasileira.

Sigo aqui um roteiro muito específico, em minha leitura. Valho-me da experiência com o projeto de série documental *Narradores urbanos, etnografia nas cidades brasileiras*, construído pela minha colega e parceira de pesquisa, Cornelia Eckert com o objetivo de apresentar a gênese da formação do campo da Antropologia urbana no Brasil. Um projeto que teve a duração de mais de 5 anos, e que foi realizado pela equipe de pesquisadores do Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV em parceria com o Núcleo de Antropologia Visual/Navisual, sob sua coordenação, dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Neste sentido, esta publicação apresenta trajetórias individuais de pesquisadores relacionadas a certas constelações culturais singulares, a da formação dos saberes e fazeres científicos nas áreas das ciências sociais e, espe-

cialmente, no que se refere ao lugar que ocupa a produção audiovisual dentro da matriz disciplinar da Antropologia como parte de um projeto coletivo.

Trata-se de um projeto inicialmente tecido, nos fios do tempo, por alguns antropólogos e antropólogas, e que abarcou uma luta por espaços da área acadêmica, que se iniciava em congressos, seminários e encontros, e prolongava-se com a promoção de mostras nacionais e internacionais de documentários etnográficos e exposições fotográficas. Desse esforço resultou, por exemplo, a criação do Prêmio Pierre Verger de documentário etnográfico e, mais tarde, de fotografia e de desenho pela Associação Brasileira de Antropologia/ABA. Essa luta, travada tanto no plano das ideias quanto das instituições de ensino e de pesquisa, e mais além, das agências de financiamento e de avaliação, resultou hoje na inclusão da produção audiovisual brasileira no Qualis CAPES/ Comissão de Aperfeiçoamento e Pesquisa de Ensino Superior.

Observando o que me é familiar, me dou conta que a leitura desta publicação está fortemente influenciada pelo fato de que participei, em muitos momentos, do ambiente fecundo da construção do campo conceitual da Antropologia audiovisual no Brasil, razão pela qual me permito chamar a atenção do leitor para alguns aspectos singulares da forma como a publicação foi organizada.

Inicialmente, destaco que os depoimentos aqui retratados não obedecem nem a uma lógica historiográfica, nem a uma genealógica. Entretanto, sua originalidade reside precisamente no fato de que este *e-book* nos oferece um mosaico rico de experiências na área da Antropologia audiovisual do país que, se observados à distância, parecem estar distantes entre si, em termos geracionais. Entretanto, mantendo-se a atenção naquilo que nos é oferecido pelos relatos, podemos perceber um entrelaçamento sutil das memórias intergeracionais que vão dar origem à configuração de uma matriz disciplinar para esse campo do conhecimento antropológico no Brasil, assim como às diversas tradições que hoje se apresentam para o cenário nacional.

Sem dúvida, ainda que contendo uma mesma ordem de inquietude intelectual, se um leitor mais exigente desejar, ele poderá situar os principais fatos e acontecimentos registrados nas entrevistas dentro de certos intervalos de tempo, no esforço de compreender o sentido histórico atribuído

ao uso dos recursos audiovisuais na produção, distribuição e circulação do conhecimento antropológico.

Mas, ainda uma vez, eu peço ao leitor neófito um outro desafio na leitura desta publicação. Gostaria que ele se interrogasse sobre a intra-temporalidade que reúne os autores e autoras, segundo as diversas gerações, nessa aventura antropológica que se iniciou já há algum tempo e que se prolonga até os dias de hoje, com a atuação da nova geração de antropólogos/as atuantes nas redes digitais e eletrônicas contemporâneas.

Na “escuta” atenta dos relatos, peço especial atenção para as marcas dos aspectos geracionais nas trajetórias intelectuais aqui retratadas. Na atenção aos registros, e aos espaços de formação de cada personagem desta aventura, reparem na influência de diferentes tradições que marcaram a formação da matriz disciplinar da Antropologia audiovisual brasileira, atentem para o pluralismo de suas fontes originais, muitas delas situadas fora do Brasil.

Nesse cenário, acompanhem as trajetórias intelectuais nas relações que se tecem no campo das instituições acadêmicas de graduação e pós-graduação, da última década do século passado até os dias atuais, das quais decorreram a criação do ensino e da pesquisa na área da Antropologia audiovisual, em especial, nos Programas de Pós-Graduação do Brasil.

A abundância de teses, dissertações e trabalhos de curso de graduação que hoje temos não é mero acaso. Importante sempre recordar que esse panorama de que hoje desfrutamos nos usos da imagem para a produção de novas escritas etnográficas origina-se da audácia de alguns que desejavam ir além das formas convencionais de expressão escrita na construção de conhecimento antropológico. Essa série de publicações certamente tem uma importante missão a cumprir no plano dos jogos de memória dessa matriz disciplinar. Infelizmente, nesse percurso, perdemos algumas pessoas queridas que, sem elas, não teríamos chegado até aqui. Foi o caso de Patrícia Monte-Mor, mais recentemente.

Outro aspecto para o qual gostaria de chamar a atenção diz respeito à diversidade de formação dos profissionais no campo da Antropologia audiovisual que vamos encontrar na leitura deste volume, abrangendo profissionais que atuam em várias universidades brasileiras. Alguns deles são

responsáveis pela formação de importantes laboratórios, centros e núcleos de antropologia visual e do país, todos eles articulados em redes de parceria e colaboração de pesquisa tanto nacional, quanto internacional.

Importantes figuras do atual cenário da pesquisa brasileira, contribuíram de muitas formas para a produção de uma rica e vigorosa literatura especializada nos estudos de Antropologia audiovisual, presente em várias formas de publicação: livros, periódicos, artigos que tratam das questões teóricas e conceituais do campo da Antropologia audiovisual, sempre com uma reflexão crítica acerca dos procedimentos e das técnicas que envolvem o uso dos recursos audiovisuais no trabalho de campo.

À medida que a leitura das narrativas vai se acumulando, torna-se evidente que a produção audiovisual na/da Antropologia brasileira amplificou o debate em torno das modalidades narrativas no caso da produção de obras etnográficas. Um debate que alude às questões éticas do uso do registro audiovisual, não apenas durante o trabalho de campo do antropólogo, mas após sua finalização. Estou me referindo ao trabalhoso processo de reflexão acerca da autoria e da autoridade do etnógrafo na e da sua produção intelectual através do uso dos recursos audiovisuais, e que acarreta a desconstrução do positivismo e do objetivismo atribuído ao corpo da letra para a produção do conhecimento em Antropologia. Sem abdicar do papel da escrita na construção do pensamento antropológico, os testemunhos aqui apresentados sempre ressaltam a importância para o antropólogo do retorno da obra audiovisual, seja ela qual for, aos seus colaboradores de pesquisa.

Outro ponto de destaque reside no fato de que o leitor, ao adentrar os meandros do tempo que tecem as trajetórias intelectuais que compõem essa publicação, precisa ficar atento às transformações progressivas dos temas e dos objetos de pesquisa entre as diversas gerações entrevistadas e das quais vão derivar uma multiplicidade de produções que foram importantes para a consolidação, no Brasil, da investigação antropológica com e por meio das imagens. Todas elas disponíveis no acervo da Associação Brasileira de Antropologia e nos acervos de Núcleos e Laboratórios que atuam na área da produção audiovisual da Antropologia brasileira

Finalmente, chamo a atenção do leitor das novas gerações de antropólogos para o fato de que a liberdade por vocês desfrutada na adoção

de novas escrituras etnográficas no processo de transmissão dos saberes antropológicos origina-se precisamente das ricas trajetórias intelectuais de pesquisadores que lhes antecederam, incorporando narrativas etnográficas audiovisuais em suas produções acadêmica, sempre acompanhadas da reflexão sobre ética do uso das imagens na pesquisa. Vale, portanto, lembrá-las, sempre!

Boa leitura!

Ana Luiza Carvalho da Rocha, antropóloga.
Banco de Imagens e Efeitos Visuais, BIEV
Núcleo de Antropologia Visual/Navisual
PPGAS, UFRGS.
Porto Alegre, maio, 2022.

Sumário

Doi: 10.35260/54210119p.22-45.2022

**Uma trajetória não é um caminho solitário:
entrevista com Clarice Peixoto.....22**

Clarice Ehlers Peixoto
Vicente de Paulo Sousa
Daniele Borges Bezerra

Doi: 10.35260/54210119p.46-70.2022

**O que é que podemos conhecer juntos:
entrevista com Ana Lúcia Ferraz.....46**

Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.72-99.2022

**A Antropologia não se faz só de texto:
entrevista com Nilson Almino.....72**

Nilson Almino de Freitas
Wagner Ferreira Previtali

Doi: 10.35260/54210119p.100-123.2022

**A representação está carregada de afetos:
entrevista com Paula Morgado.....100**

Paula Morgado Dias Lopes
Antonio George Lopes Paulino
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.124-147.2022

**A Antropologia é a arte da escuta:
entrevista com Lisabete Coradini.....124**

Lisabete Coradini
Telma Bessa Sales
Alexsânder Nakaóka Elias

Doi: 10.35260/54210119p.148-175.2022

**Toda antropologia é visual:
entrevista com Sylvia Caiuby.....148**

Sylvia Caiuby Novaes
Tanize Machado Garcia

Doi: 10.35260/54210119p.176-211.2022

**A generosidade, a solidariedade e o sonho existem:
entrevista com Patrícia Monte-Mor.....176**

Patrícia Monte-Mor
Antonio Jarbas Barros de Moraes

Doi: 10.35260/54210119p.212-233.2022

**Como se estivesse sempre encantado:
entrevista com João Martinho.....212**

João Martinho Braga de Mendonça
Caio Nobre Lisboa

Doi: 10.35260/54210119p.234-273.2022

**A gente queria se tornar protagonista da nossa própria história:
entrevista com Takumã Kuikuro.....234**

Takumã Kuikuro
Alessandro Barbosa Lopes

Doi: 10.35260/54210119p.274-290.2022

**Essa forma de se aproximar do mundo:
entrevista com Rose Satiko.....274**

Rose Satiko Gitirana Hikiji
Antônio George Lopes Paulino
Daniele Borges Bezerra

Doi: 10.35260/54210119p.292-318.2022

**Não há uma Antropologia que não dialogue com as outras áreas:
entrevista com Denise Cardoso.....292**

Denise Machado Cardoso
Alessandro Ricardo Pinto Campos
Antonio Jerfson Lins de Freitas
Eric Silveira Batista Barreto

Doi: 10.35260/54210119p.320-336.2022

**As imagens se recusam a dizer o que pensam, porque pensam de
outra maneira: entrevista com Etienne Samain.....320**

Etienne Ghislain Samain
Alessandro Ricardo Pinto Campos

Colaboradores via crowdfunding.....337

Índice remissivo.....339

Doi: 10.35260/54210119p.72-99.2022



Nilson Almino de Freitas é Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (2005), com Pós-Doutorado em Estudos Culturais no Programa Avançado em Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2011). É professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Pesquisador Associado do Pós-doutorado em Estudos Culturais do Programa Avançado em Cultura Contemporânea da UFRJ, professor do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Faz parte do quadro permanente do Mestrado Profissionalizante em Rede de Ensino de Sociologia na UVA. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana e Antropologia Visual. Tem experiência também com temas relacionados à Geografia Humana, especialmente com Geografia não representacional. Atua principalmente nos seguintes temas: cotidiano, cidade, cultura, memória, patrimônio cultural e espaço urbano. É coordenador do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas - LABOME, arquivo de documentos orais e imagens da UVA, bem como do Programa de extensão Visualidades. Foi membro do Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia CAV/ABA (gestão 2017 e 2018).

A Antropologia não se faz só de texto: entrevista com Nilson Almino¹

Nilson Almino de Freitas

Wagner Ferreira Previtali

Nilson Almino: Começamos sempre falando um pouco da trajetória, geralmente nessas entrevistas, da trajetória individual, principalmente relacionando a esse campo da Antropologia Visual, mas vou começar falando, principalmente, da minha relação com o audiovisual e com o campo da tecnologia da informação. Antes de entrar na graduação, dava aula de informática e durante toda a minha graduação eu trabalhava na Caixa Econômica Federal, também na área de informática. Então, eu sempre tive uma relação muito próxima com a tecnologia da informação e, até depois, quando já estava aqui na UVA², eu cheguei a dar algumas aulas nesse campo. Mas, ainda na graduação, eu tive uma primeira experiência com o audiovisual. Eu era do Centro Acadêmico de Ciências Sociais da UFC e foi numa época que aconteceu um problema que está ocorrendo muito, atualmente, de ter um reitor que não foi eleito. Foi indicado o 3º lugar, se não me engano, na época, pelo presidente da república. Isso foi na década de 1990. A gente criou o que chamamos de “TV Fantasma”: a ideia era denunciar esse pro-



¹ A entrevista foi realizada em 30 de setembro de 2020 e pode ser assistida em sua versão integral em <https://youtu.be/Mmr2AYCgvo8>. Os entrevistadores foram: Philippi Emmanuel Lustosa Bandeira e Claudia Turra Magni.

² Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

blema, falar sobre isso do ponto de vista do audiovisual. Tinha um colega que possuía uma produtora com equipamentos e ele também fazia parte do Centro Acadêmico (C.A.). Ele, conosco, fez os primeiros registros, fizemos algumas entrevistas e tínhamos ficado de usar os equipamentos do curso de Comunicação Social, era uma moviola ainda, era analógico, para edição. A gente acabou não terminando, mas, pelo menos, eu comecei a aprender um pouco dessa linguagem na época.

Assim que eu terminei a graduação, em 1994 ou 1995, eu já entrei na UVA por concurso. Fiz toda minha carreira aqui na Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral, e aqui comecei a trabalhar mais na área de Antropologia Urbana. Fui para o meu mestrado na UFC, na Sociologia, e lá comecei a trabalhar com fotografia. A minha dissertação, que foi defendida em 1999, foi publicada. Já nesse livro, trabalhava com fotografia, mas não naquele sentido [alegórico] que a gente, às vezes, até briga com os nossos alunos, que eles estão usando a fotografia como ilustração, aquele uso que se tirar a fotografia ela não faz falta e o que prevalece é o texto. Na época eu já tinha uma certa leitura disso, leitura mesmo da área, as poucas leituras que se ofereciam na época, eu já tinha algum tipo de leitura. Trabalhei a fotografia muito mais no sentido de complementar o texto, assim, de somar, de colocar novos argumentos. A fotografia, ela estimula a gente a pensar inúmeras outras interpretações que, às vezes, não temos controle. Então, de certa forma, tentava conduzir a leitura com legenda, dizendo o que o leitor poderia ver naquela fotografia que poderia completar e/ou reforçar algum argumento do texto.

Criei uma disciplina chamada Memória e Cultura, no curso de Ciências Sociais, com discussões que tinha de fazer porque o tema que acabei escolhendo foi a questão do patrimônio cultural da cidade. Na verdade, o projeto era sobre um espaço específico da cidade, chamado “Beco do Cotovelo” que, na época, tinha me chamado muita atenção porque tem uma certa autonomia com relação à gestão pública da cidade. Tem um prefeito próprio. É um lugar, dizem, que tudo que você quer saber de Sobral, basta ir lá. Apresentei um projeto sobre isso, comecei a me envolver com meus colegas nessa discussão sobre patrimônio, acompanhando os estudos que vinham fazendo junto da equipe do IPHAN. Eu não fazia parte da equipe, mas estava próximo, conhecia, acompanhei e acabei ampliando meu tema de pesquisa. O Beco do Cotovelo continuou uma temática importante, foi

um capítulo inclusive da dissertação, o último capítulo, mas ampliei o foco da minha pesquisa para discutir o patrimônio histórico. Só que percebi uma dimensão que não estava muito clara nas discussões oficiais sobre a legislação que trabalha patrimônio histórico, que era o uso político disso. Porque esse discurso tende a criar uma unidade para a cidade e, para mim, a cidade sempre foi muito plural, sempre foi muito diversa e seria muito difícil construir uma identidade cultural sólida, muito bem definida, sem ser arbitrário, sem escolher algumas coisas e outras não.

Então, na minha dissertação, acompanhei todo esse processo, acompanhei também o uso político disso, principalmente nas campanhas eleitorais. Foi quando Cid Gomes ganhou pela primeira vez as eleições para prefeitura de Sobral, em 1996. Em 1997, quando entrei no mestrado, acompanhei o início da gestão, estava acompanhando todos os problemas da cidade e, principalmente, os problemas com relação à improbidade administrativa, que o prefeito foi cassado, e na campanha eleitoral essa discussão sobre preservação do patrimônio foi aparecendo. Em 1999, o centro histórico [de Sobral] foi tombado como Patrimônio Histórico Nacional, exatamente na época que eu terminei minha dissertação. Defendi e, em 2000, foi publicado o livro “Sobral: Opulência e Tradição”.

Assim que eu terminei o mestrado, entrei no doutorado e eu estava querendo mostrar outras cidades, além dessa projetada pelo poder público, e dei continuidade à pesquisa. Fui para outros lugares da cidade, fui para a periferia. Entrei em 2000 no doutorado e não fui liberado, tinha que dar aula, e segui o mesmo esquema. Foi quando, 2001/2002, por aí, pensei em começar a trabalhar com acervos, porque estava muito próximo da discussão da história oral, por trabalhar com entrevistas, principalmente na periferia da cidade. Em 2001 teve a inauguração do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME). A proposta do LABOME surgiu, inicialmente, como um apoio ao trabalho que vinha desenvolvendo no campo da História Oral, de produção de acervos e, com o tempo, adquirimos alguns equipamentos e começamos a trabalhar também com audiovisual. Logo em seguida, em 2003, tínhamos alguns

para mim, a cidade sempre foi muito plural, sempre foi muito diversa e seria muito difícil construir uma identidade cultural sólida, muito bem definida, sem ser arbitrário, sem escolher algumas coisas e outras não.

bolsistas que estavam trabalhando na pesquisa, produzindo as entrevistas. Cada bolsista ficava com um bairro da periferia e identificava algumas pessoas que fossem reconhecidas no bairro para contar um pouco das histórias que aconteciam naquele espaço. Acabava que cada bolsista ia delimitando um pouco também os seus interesses de pesquisa nessa relação com o bairro. Então já existia um acervo. Em 2003 consegui fazer algumas disciplinas no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Eu fiz uma disciplina com o professor Gilberto Velho, onde discutia a questão do individualismo em diferentes correntes de pensamento, e uma disciplina com o professor Marcio Goldman, sobre etnografia, além de uma outra com o professor Moacir Palmeira e vários professores, como o John Comerford, a Ana Claudia Marques, e Castro Farias. Eu fiz essas disciplinas em 2003, passei um semestre, e depois voltei e consegui aqui aprovar um projeto, sem terminar o doutorado, na FUNCAP³ e comecei a comprar alguns equipamentos.

Eu tinha um MP3 que gravava em áudio, mas tinha também gravadores de fita K7 que usávamos nas entrevistas; tudo era muito voltado para o áudio. A nossa primeira câmera foi uma *handcam* e tinha um iluminador. Era bem simples. Era daquelas que gravava com Mini DV, que compramos com recurso da FUNCAP. Meu primeiro filme oficial, que foi o “Sobral no Plural”, se deu com a ajuda do professor Paulo Passos.⁴ Já tínhamos um acervo de entrevistas e conseguimos recursos para fazer o filme. Usamos nossa pequena camerazinha e selecionamos, do nosso acervo, 17 entrevistas que já tínhamos feito. Nós marcamos com essas pessoas para filmar essas entrevistas, só que estávamos com uma ideia de fazer um filme que não escondesse nada, que não fôssemos escondidos por trás da câmera, que a equipe pudesse aparecer, desconstruindo um pouco a linguagem de um documentário mais tradicional. Abolimos a voz em *off*, a não ser em determinadas situações bem específicas. Isso nos filmes mais vinculados aos meus projetos porque, no LABOME, acabamos recebendo projetos bem diferentes, com temas bem diversificados e cada um fazia suas escolhas estéticas. Mas, no nosso caso, preferíamos não ir muito na linha do documentário tradicional, da voz em *off*, da “voz de Deus”, como chamam no cinema, mais explicativa. A ideia era interagir, era desconstruir, um pouco, a forma como era apresentado, para todo mundo, o discurso oficial do

3 Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

4 Paulo Passos de Oliveira foi professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú entre 2009 e 2011.

patrimônio histórico de Sobral. A ideia era misturar diferentes narrativas. O nome do filme tem a ver com isso “Sobral no Plural”, porque conta histórias bem diversificadas sobre a cidade, sobre o que é a cidade, como é que as pessoas vivem, o que elas fazem, o que elas pensam na cidade.

Misturamos histórias de historiadores, padres, pai de santo, rezadeira, raizeiro, pessoas de diferentes perfis sociais, diferentes lugares sociais. O filme ficou pronto em 2010, quando já tínhamos começado nosso programa de extensão, em 2009, o Visualidades, que não é só o evento. O “Sobral no Plural” serviu para finalizar meu pós-doutorado em Estudos Culturais. A ideia dele é bem simples: somos eu e o Paulo, caminhando pela cidade, encontrando essas pessoas e conversando com elas, elas vão e contam as suas histórias. A impressão que a gente quis dar é que isso aconteceu em um dia. É lógico que isso não aconteceu em um dia, foram dois ou três meses de produção, mas uns dois de edição. Então tivemos que pensar na continuidade, por isso que teve uma sequência que a gente fez, um roteiro lógico. Pegamos essas 17 pessoas e fizemos o filme dessa forma, íamos andando pela cidade, nos encontrando com elas e conversando.

Com relação ao Visualidades ser um Programa de extensão, o que isso quer dizer? São vários projetos, um deles é o evento, então envolve formação no campo das Artes Visuais também. A gente oferece cursos de formação: documentário, fotografia, desenho, pintura e instalações artísticas. Em 2009, começamos ofertando duas atividades: o curso de Introdução ao Documentário, ministrado pelo professor Paulo Passos, e ofereci - pela segunda vez, porque outra professora já havia ofertado - a disciplina de Antropologia e Imagem. A ideia do Visualidades é promover a divulgação científica usando essas linguagens, e, além disso, a implantação de uma prática museológica não convencional. O que eu chamo de prática museológica não convencional? Temos um acervo de áudio, audiovisual, fotografia e demais imagens, e esse acervo é usado para promover produções de obras visuais, e essas obras visuais vão circular. Ao invés de ter um lugar próprio de mostra onde elas vão ficar à disposição para as pessoas verem, como num museu tradicional. A ideia é sair da universidade e circular pela cidade ou pelas cidades. Tudo que temos hoje no LABOME - os equipamentos, os recursos - é de uma boa produtora audiovisual, mas tudo isso foi conseguido com base em projetos que vínhamos aprovando no CNPq, na FUNCAP. Tivemos projetos

também do Ministério de Educação e Cultura (MEC) que ajudaram, do PROE-XT⁵, que é um edital próprio para extensão, dentre outros.

O primeiro Visualidades, aqui vou falar de cada um deles, teve 10 vídeos documentários, todos produzidos pela formação. Nessa época, não recebíamos trabalhos de fora, e foram seis trabalhos fotográficos, todos de alunos daqui do CCH⁶.

No segundo Visualidades já foram 12 documentários, 6 trabalhos fotográficos e 2 instalações artísticas. Ampliamos as linguagens em função da participação da professora Regina Raick (UVA), que ofertou formações. Nessa época, ela coordenava um evento chamado Ecos Visuais, que foi promovido aqui pela Secretaria de Cultura. Fizemos uma parceria com eles e também uma formação de fotografia. Foi no segundo Visualidades que apresentamos o “Sobral no Plural”⁷ e, como tivemos financiamento, a ideia era criar uma espécie de padrão estético, que pudesse estimular a produção dos alunos, pensando a linguagem do audiovisual de uma forma um pouco diferente daquelas que eles estavam acostumados a ver. Na época, também o professor Alexandre Fleming Vale, meu contemporâneo na época da graduação, participou conosco e apresentou o filme dele: “Cinema Cara Dura”⁸.

Quanto ao terceiro Visualidades, eu considero a arte do evento como a melhor que a gente tem. Já foi um evento um pouco maior, começou a envolver as escolas daqui da região, teve a parceria com a Faculdade Luciano Feijão para ofertar nossa formação. Também a professora Regina Raick ofertou uma formação no campo das Artes Visuais sobre a padronização de exposições. E, nessa época, a gente convidou o Rosemberg Cariry, que é cineasta aqui do Ceará e muito conhecido nacionalmente pelos filmes de caráter mais regionalista, e os filhos dele, o Petrus Cariry e a Bárbara Cariry. O professor Luis Saraiva, de Portugal, da Universidade da Beira Interior, também participou aqui conosco. Como eu já estava vinculado ao Programa Avançado de Cultura Contemporânea, da UFRJ, a gente também sempre trazia trabalhos de

5 Programa de Extensão Universitária.

6 Centro de Ciências Humanas.

7 O filme pode ser visto no link: https://youtu.be/JURq0xOB7Cc?list=PLrKSbcOn7CPuBqjalijhUCb_OI4pBCUgc.

8 No *YouTube*, o filme está dividido em duas partes. A primeira pode ser acessada pelo link: <https://www.YouTube.com/watch?v=7FFn8ii6b0M>. A segunda parte pode ser acessada pelo link: <https://www.YouTube.com/watch?v=gMvoKHmCED0>.

lá e outras parcerias que a gente ia fazendo com outros laboratórios. Nesse ano foi com o LAMIA⁹, que é da Universidade Estadual do Ceará. Foram 18 filmes e 8 trabalhos de Artes Visuais. Nessa época não lançávamos edital, convidamos as pessoas e elas enviavam os filmes.

A partir do quarto Visualidades¹⁰ padronizamos a arte, só mudando as cores. Então, veio o professor Alexandre Fleming (UFC) e o professor Roberto Novais, da UFRJ. Acabamos incorporando, mesmo de forma não-oficial, outras linguagens - teatro, música, apresentações artísticas diversas - e veio o professor Etienne Samain. Começamos a ampliar cada vez mais as exposições dos trabalhos na cidade. Nessa época, tivemos apoio do PAEP/CAPEs, que é o Programa de Apoio a Eventos. Foi em 2012, 2013, 2014 e 2015, os quatro anos que tivemos apoio do PAEP e começamos a nos espalhar mais, em seis pontos da cidade, principalmente escolas públicas e equipamentos de assistência social, como CRAS¹¹, por exemplo, e nas ruas também.

O quinto Visualidades¹² teve a cor rosada, foi a época que a professora Clarice Peixoto (UERJ) veio para cá. Foi a primeira vez que lançamos um livro específico do Visualidades, que não é um livro, é um DVD-rom. Eram artigos, fotografias e filmes. E, ao mesmo tempo, nessa época foi lançado o do INARRA/UERJ¹³, com a professora Clarice Peixoto. Ela veio para uma conferência e fez o lançamento do DVD “Imagens e Narrativas”. Tivemos apoio do MEC, através do edital PROEXT/MEC/2011. Sempre encontramos muito apoio dos próprios alunos, eles se envolvem com o evento, vão e divulgam na sua cidade, porque aqui tem alunos que vêm de quase 50 cidades da região; então eles acabam se interessando em levar os trabalhos para as suas cidades. Eles fazem a monitoria, o registro, lá no nosso site no *YouTube*¹⁴ tem as coberturas de cada evento desde o IV Visualidades.

No VI Visualidades¹⁵ veio a professora Simone Maldonado (UFPB), veio o Chico Expedito, que era artista da Globo, e veio aqui morar em

9 Laboratório de Antropologia em Mídias Audiovisuais (LAMIA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

10 O filme que faz a cobertura do evento pode ser visto no link: <https://vimeo.com/76009604>.

11 Centro de Referência em Assistência Social.

12 O V Visualidades pode ser visto no link: <https://vimeo.com/111774813>.

13 Grupo de Pesquisa Imagens, Narrativas e Práticas Culturais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

14 Endereço: <https://m.YouTube.com/c/LabomeVisualidades>.

15 O VI Visualidades pode ser visto no link: <https://vimeo.com/148088370>.

Sobral e criou uma escola de teatro aqui. Ele veio falar um pouco dessa questão da performance do artista, e a professora Alice Martins, da UFG. Foi a época que a gente fez a montagem da comissão científica nacional, então o evento começou a ser nacional a partir daí. A comissão científica, a própria professora Claudia Turra Magni (UFPEI), que participa desde essa época, professora Clarice Peixoto, professora Simone Maldonado, professora Ilana Strozemberg, da UFRJ, o professor Alexandre Vale, o professor Otávio Costa, da Geografia da UECE, a professora Alice Martins, das Artes Visuais, da UFG¹⁶.

No VII Visualidades¹⁷ veio o professor Vitor Grunvald [Vi Grunvald] (UFRGS), o professor Otávio Lemos, o professor Alexandre Fleming veio lançar os filmes da “Poética do Poço”, recebemos a Mostra Itinerante do Prêmio Pierre Verger de filmes etnográficos. Tivemos o curso financiado pelo PROEXT, tivemos o apoio da FUNCAP, além do PAEP. Era uma época boa, que conseguíamos recursos. Hoje em dia está muito complicado, é quase impossível conseguir. Além desses projetos, voltados para o evento e para as atividades de extensão, a gente também conseguiu para pesquisa. Eu aprovei duas vezes no edital de humanidades do CNPq, duas vezes no edital universal, inclusive tem um vigente ainda; na própria FUNCAP também tem vários projetos que aprovamos. Foi nessa época que veio o professor Vitor Grunvald [Vi Grunvald], o professor Caio Amorim, da Geografia da UFPE, que trabalha com paisagem (nessa época eu já estava no Mestrado da Geografia). Como a gente não tem um mestrado da nossa área, foi criado recentemente o profissionalizante em Ensino de Sociologia, eu tinha essa vontade de estar na pós-graduação e eu encontrei lá na Geografia uma acolhida para trabalhar com Artes Visuais.

Aí veio o VIII Visualidades¹⁸, com atividades de formação. Na época veio o professor José Ribeiro, lá de Portugal, ele dava aula no programa de Artes Visuais, na UFG¹⁹, e veio participar conosco. Tivemos exposições em 22 lugares da região, em 5 cidades, e mais uma vez a Mostra Itinerante do Prêmio Pierre Verger.

16 Universidade Federal de Goiás.

17 O VII Visualidades pode ser visto pelo link: https://www.YouTube.com/watch?v=OzW30xWkCE-Q&list=PLrKSbcOn7CPTXvjaPK_JEmxPfeB7mJBqG&index=2.

18 O VIII Visualidades pode ser visto no link: https://youtu.be/Wbyesfff634?list=PLrKSbcOn7CPTXvjaPK_JEmxPfeB7mJBqG.

19 Universidade Federal de Goiás.

Tivemos uma descontinuidade: depois do Visualidades, em 2017, em 2018 não conseguimos recursos e não fizemos, e agora em 2020 também não fizemos. Mas, em 2019, conseguimos fazer o décimo Visualidades. No nono²⁰, veio, na época, a professora Cornélia Eckert (UFRGS) e o professor Marcos Antônio Gonçalves (UFRJ). Exploramos bem eles. A gente fez, inclusive, uma entrevista com eles que está lá no nosso *YouTube*²¹. Aqui a gente já se espalhou mais: 32 lugares, 14 cidades e não só aqui no Ceará, a gente fez também no Rio de Janeiro, principalmente no Complexo da Maré, no Instituto Maria e João Aleixo, do Observatório das Favelas. Nessa época recebemos 40 filmes, que fazem essa articulação com os festivais que já existem pelo Brasil, com os laboratórios ou os grupos existentes. Um exemplo foi o Festival do Filme Etnográfico do Pará. O público estimado era de 2500 pessoas, que acabam se envolvendo, a maioria vem dos bairros das periferias das cidades, das escolas públicas de ensino fundamental e médio. Nós também fazemos muita exibição na rua mesmo, nas ruas dos bairros, e sempre dá muita gente.

E no décimo²², que foi o último, nós tivemos com muita dificuldade, mas conseguimos fazer. Não tivemos recurso, então aproveitamos os eventos que estavam acontecendo na cidade e fizemos parcerias com eles. Esses eventos têm recursos, que nos ajudam, e oferecemos a atividades. Organizamos uma conferência com o Prof. Renato Athias (UFPE), num evento que antigamente se chamava Olhares, um evento da prefeitura voltado para os professores do ensino fundamental. Nós fizemos uma atividade lá e oferecemos quatro minicursos. Antes disso, a coordenação do evento já era nacional, já tinha professores de outras instituições do país. E a Profa. Daniele Ellery (UNILAB), também da Antropologia Visual, veio dar uma palavrinha também no X Visualidades. Foram 32 filmes e 17 trabalhos nas demais Artes Visuais. Conseguimos alcançar 39 lugares em 13 cidades. Acabamos também oferecendo algumas oficinas, uma delas é a do “Mapa Digital da Comunidade”.

20 O IX Visualidades pode ser visto no link: https://youtu.be/7ZmHD8ibM24?list=PLrKSbcOn7CptXvjaPK_JEmxPFeb7mJJBqG.

21 A entrevista da professora Cornélia Eckert pode ser acessada pelo link: https://www.YouTube.com/watch?v=WTAetPm5N5c&list=PLrKSbcOn7CptLnaOF35Gi_ZrB2H7z7H7_&index=17. A entrevista com o professor Marcos Gonçalves pode ser acessada pelo link: https://www.YouTube.com/watch?v=XH305u9oYNc&list=PLrKSbcOn7CptLnaOF35Gi_ZrB2H7z7H7_&index=16.

22 O X Visualidades pode ser visto no link: <https://youtu.be/bI6L8XpzUqw>.

Tem algumas atividades que estamos ainda desenvolvendo, que estão em andamento. O próprio trabalho que o Vicente Sousa [bolsista de apoio técnico do CNPq do LABOME] faz com o Slam e as batalhas de rap. Já existia uma certa relação, principalmente com o pessoal do rap, porque sempre quisemos fazer trabalhos de forma compartilhada. Nós acreditamos muito nessa ideia, como pesquisadores, que estamos aqui para aprender com as pessoas, não somos nós que sabemos sobre elas, não fazemos pesquisa sobre elas, fazemos pesquisa com essas pessoas, elas são nossas parceiras. Por essa filosofia, acabamos nos aproximando muito de alguns movimentos sociais aqui da cidade, principalmente de um chamado FOME, Movimento Social FOME, que é um movimento anarquista de jovens aqui da periferia. Um deles acabou entrando no curso de Ciências Sociais, no vestibular, e virou bolsista do LABOME. Hoje ele está fazendo o nosso mestrado profissionalizante e essa aproximação com o FOME fez com que nos aproximássemos mais dessas atividades voltadas para a cultura da periferia, “cultura das quebradas”. O Vicente ele também é morador de um bairro periférico, ele também está conosco e ele tinha a ideia de fazer a sua dissertação sobre violência na periferia, mas falamos tanto sobre violência quando se relaciona à periferia. E eu acho isso meio...é claro que tem violência na periferia, mas não tem só isso, a periferia é mais rica do que isso. Ela tem vida lá que mostra uma diversidade de saberes e práticas que nos ensinam muito. Sempre tivemos essa intenção de trabalhar com os moradores da periferia para que eles possam ensinar o que tem que ser mostrado. O Vicente se aproximou desse movimento Slam, das batalhas porque tem alguns membros do Fome que fazem parte também do Slam e a gente acabou se aproximando. Ele acabou fazendo a dissertação dele sobre isso e a pesquisa videográfica ajudou muito: essa ideia de estarmos com a câmera, gerou inclusive outros trabalhos, um filme sobre rap na cidade, o “Rap nas Quebradas”²³, que ano passado participou da seleção do Prêmio Pierre Verger, mas não entrou. Participou de outros festivais, e tivemos filme que participou do Festival do Filme Etnográfico do Recife, tem também um festival italiano em que já participou. Esse filme sobre rap foi muito ajudado também por nossa aproximação e foi a câmera que nos aproximou. Se não fosse a câmera não teríamos conseguido fazer. Conti-

23 O filme pode ser visto no seguinte endereço: https://youtu.be/yACvvyKb98o?list=PLrKSbcOn7CPuBqIalijhUCb_0l4pBCUgc.

nuamos esse trabalho. Antes da pandemia, estávamos fazendo a cobertura dos eventos que eram promovidos pelo Slam e pelas Batalhas de Rap. Gravamos tudo e esse material era usado por eles - também usamos - mas a ideia é que pudéssemos dar esse retorno e contribuir com a atividade que eles já vêm desenvolvendo. Tanto é que a batalha de rap se espalhou por vários bairros aqui da cidade e eu acho que ajudou muito nessa questão da divulgação do audiovisual, das redes sociais.

Tem um projeto que é realizado com um cineasta que é deficiente visual lá na Meruoca. Começamos um agora também com as aulas remotas, a ideia é fazer um documentário compartilhado com os professores, na perspectiva deles, registrando, por meio de filmagens deles, as suas atividades remotas. Vai gerar dois produtos: um acervo de entrevistas que também vamos colocar em uma *playlist* lá no *YouTube* com os professores que estão nessas atividades remotas, principalmente os professores do Ensino Médio, mas pegando também alguns do Fundamental, e também um documentário. Então vai virar acervo e documentário. Temos mais ou menos o roteiro, mas não vou entregar agora, não, deixo para vocês verem depois. E tem esse filme da “Festa da Política”²⁴, que ainda não está finalizado, feito com base nas eleições de 2016, quando fizemos a cobertura da campanha de alguns candidatos aqui em Sobral, em Miráima e Ipu. A ideia é mostrar exatamente esse caráter festivo da campanha eleitoral, então tem esse material ainda sendo finalizado, a edição e a montagem desse filme.

Tem também um documentário sobre as velhices aqui na cidade. Quando a gente começou o projeto de História Oral do LABOME era muito voltado para a questão da velhice na cidade porque entendemos que os mais velhos tinham esse potencial de ter histórias interessantes na periferia. Nos aproximamos muito dos velhos. E também em função da minha primeira orientação sobre velhice, que foi com a Wellingta (funcionária do LABOME), que me ensinou tudo sobre esse tema, ela que tem as referências, inclusive se baseando muito na Clarice Peixoto, dentre outras. Têm um outro projeto sobre *Street Dance*, um grupo de dança daqui do Sumaré com quem temos uma aproximação muito grande. Fizemos um documentário²⁵ com eles e

24 O teaser do filme pode ser visto no seguinte endereço: <https://youtu.e/98DY0Q7kJwI?list=PLrK SbcOn7CPuQd5Fxd5fdld6ZC5aFkCK>.

25 O documentário pode ser visto no seguinte endereço: https://youtu.be/_1ZzcIXEas?list=PLrKSbcOn7CPuBqIalijhUCb_0l4pBCUgc.

dois cliques, em função dessa parceria. A ideia é ainda termos um filme, um documentário um pouco diferenciado. Nesse que fizemos, trabalhamos muito a ideia da família, como eles pensam a família nesse contexto da dança de rua, que aparece muito na forma como eles iam idealizando o grupo. Temos o “Mapa Digital da Comunidade”, que é um aplicativo de smartphone que desenvolvemos, um aplicativo que serve para trabalhos de cartografia social. Os mapas são instrumentos de poder, geralmente usados para gestão do território. A ideia era inverter essa lógica: agora quem tem o poder de fazer os mapas e controlar o seu território, a partir dessa cartografia, eram os próprios moradores da comunidade. Para isso, a gente pensou numa tecnologia mais vinculada à relação entre mapa e rede social. O domínio, quem controlava a produção desses mapas, seriam as postagens que as pessoas fariam nessa rede social que criamos com imagens, com áudio e também com textos. Ou seja, essas postagens iam ser cartografadas.

Um outro projeto, que tem a ver com nosso bolsista que é do Movimento Social Fome, quer inverter essa lógica que somente a escola ensina os moradores da periferia. Ele quer mostrar que a periferia também pode ensinar algo para a escola, a partir das atividades do FOME voltadas para produção cultural. A ideia é a produção de um material didático em audiovisual, que possa ser usado, principalmente, nas disciplinas de Sociologia. Tem uma outra iniciativa, sem nome ainda, sobre a quarentena. No LABOME, nosso grupo que toda semana se reúne, pensa em atividades e estuda. A gente organizou uma atividade em que cada um, livremente, pudesse registrar imagens desse momento, tanto em fotografia como em vídeo. A ideia é que, depois, possamos discutir as imagens que estamos produzindo uns com os outros e pensar em exposições, ou até mesmo em produções audiovisuais com isso. Não temos nada pensado de como vai ser o resultado; ele vai surgindo de acordo com as discussões que vamos fazendo com base nessas imagens. Paralelo a isso, vamos também lendo textos teóricos, metodológicos, desse campo da Antropologia Visual.

Nas redes sociais da WEB tem um projeto chamado “Primeiras Experiências com Audiovisual”, em que estamos pegando o pessoal que já passou pelas nossas formações audiovisuais e estamos pedindo para eles falarem um pouco como foi essa experiência. Já fizemos umas cinco entrevistas que estão lá no *Instagram* do LABOME²⁶. E, por fim, essa atividade nossa

26 Endereço: https://www.instagram.com/labome_uva.

de hoje: “Trajetórias na Antropologia Visual no Brasil”, que está também na nossa página no *YouTube*.

Temos vários canais de divulgação: *Instagram*, *YouTube*, temos duas páginas no *Facebook* - uma do LABOME, outra do Visualidades - tem um portfólio do Wix²⁷, além do primeiro livro, minha dissertação, “Sobral Opulência e Tradição”. Lá no pós-doutorado eu tive bolsa da FAPERJ. Quando terminou minha bolsa, eu pensei que ia acabar ali, mas aí eles renovaram. Foram dois anos e eu acabei produzindo dois livros e o “Sobral no Plural” também foi apresentado lá: “Trajetos e Memórias: patrimônios, narrativas e visualidades, na cidade de Sobral/CE”²⁸, e pela editora Torres, lá do Rio, Astúcias da Memória.

Na Pós-Graduação na Geografia, eu tive orientandos que trabalharam com rock metal, discutindo a construção do território. Além disso, numa co-orientação de Doutorado do Zé Wellington, que foi orientando do Prof. Otávio Lemos, da UECE, ele é artista plástico. Eu fiquei como co-orientador e eu estimulei muito ele a trabalhar com desenho na tese dele. Ele tem um capítulo só com desenhos, ele trabalha o conceito de paisagem na Geografia. Por exemplo, quando ele via, em suas entrevistas, alguma pessoa falando das primeiras ocupações lá na cidade de Meruoca, que a tese dele foi feita lá, fez um desenho tentando imaginar como seria; ele trabalhou muito nesse sentido. Outro orientando meu trabalhou com reisado, num distrito chamado Caraúbas, na cidade de Graça, que é uma cidade pequena aqui próximo. O grupo de reisado tem uma certa autonomia com relação ao poder municipal, e eles tem uma gestão da economia local que é bem interessante, muito voltada também para a produção da festa. Ele fez a dissertação dele e um filme chamado “Afetos de Reisado”, que está lá no *YouTube*²⁹. E tem o trabalho do Vicente, que eu estava falando agora há pouco, aqui com o pessoal do Slam, que gerou o filme “Poesia e Resistência”³⁰.

Só para poder tentar finalizar um pouco, quando a gente fez o Sobral no Plural, em 2010, tivemos uma ideia de criar uma série de filmes chamados

27 Todas as páginas do LABOME e do Visualidades podem ser acessadas pelo link: <https://linktr.ee/Labomevisualidades>.

28 FREITAS, Nilson Almino de. Trajetos e memórias: patrimônios, narrativas e visualidades na cidade de Sobral-CE. 1. ed. Sobral: Edições Universitárias / Sertão Cult, 2015.

29 Disponível em: <https://youtu.be/J3JsxTlbvfg>.

30 Disponível em: <https://youtu.be/bzWE360b5kw>.

“Bairros de Sobral”. Já que os bolsistas todos estavam na periferia, seria interessante dali surgir alguns filmes específicos voltados para os bairros. Em 2011, a gente fez três: um do bairro Dom Expedito, do Bairro Vila União e outro do Sumaré, cada um com um enfoque um pouco diferente. A do Dom Expedito é mais a atividade artística que ele vai mostrar, o que se produz lá no bairro³¹. O da Vila União é um filme que não precisou fazer produção porque já tínhamos as entrevistas, já tinha acervos de imagens no LABOME sobre a Vila União, e a bolsista só precisou pensar no roteiro com base no acervo que a gente já existia e produziu o filme, falando do processo de ocupação do bairro, que surgiu de uma ocupação popular³². E no Sumaré a bolsista optou, assim, por trabalhar com um filme, mas eu sempre dou a responsabilidade de direção para o aluno e fico como uma espécie de diretor de produção, ajudando na montagem e na edição, que é a parte que eu gosto. No caso do “Sumaré: Histórias, Versões, Gerações”³³, ela trabalhou com histórias - tanto dos jovens, o que os jovens conheciam sobre a história do bairro, como dos idosos, o que eles conheciam - e fez essa relação. Em 2013 foram dois filmes dessa série: um sobre o DRAMA, uma atividade artística de idosos em que eles trabalham teatro, dança e música, fazem apresentações públicas no bairro³⁴. Também em 2013 “A Cultura Quadrilheira”³⁵, que foi sobre uma quadrilha junina que tem lá no Dom Expedito também. Em 2014 a gente fez o filme “Lendas Urbanas, Contos e Assombrações”³⁶, que foi inclusive publicado na Tessituras³⁷.

Nessa época, em 2014 e 2015, é quando começamos a fortalecer mais aquela necessidade de fazer filme “com”, e não “sobre”, e um recurso que a gente utilizou foi justamente a produção de um filme chamado “Arte e Cultura na Periferia”³⁸. Eu até chamei esse filme de filme de entrada, porque foi com ele que a gente conseguiu fortalecer mais esse laço, principalmente

31 O filme citado é “Dom Expedito: cultura, arte e expressão”. Disponível em: <https://vimeo.com/81661391>.

32 O filme citado é “Vida e bairro: Vila União”, disponível em: <https://vimeo.com/82281116>.

33 Disponível em: <https://vimeo.com/84034647>.

34 O filme citado é “Drama: uma arte”, disponível em: <https://vimeo.com/78551179>.

35 Disponível em: <https://vimeo.com/76535466>.

36 Disponível em: <https://vimeo.com/87463437>.

37 Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/4156>.

38 O filme pode ser visto no endereço: https://youtu.be/-aEesVlawQ?list=PLrKSbcOn7CPuBqlalijhUCb_Ol4pBCUgc.

com o Movimento Social FOME. A gente até publicou um artigo discutindo essa ideia do filme de entrada³⁹. Então, fizemos esse filme, que era a relação entre política, política comunitária, promovida dentro da comunidade, e as diferentes formas de fazer cultura, arte, a produção artística. Em 2018, fizemos o “Rap nas Quebradas”; em 2019 foi o filme do Vicente, “Poesia e Resistência”⁴⁰ e fizemos também o “Família *Street Dance*”, e queremos fazer agora outro com eles. Em 2020, participamos de vários festivais com ele, o “Poesia e Resistência” também, que é o “Sinal Fechado: hora do show e hora do trampo”⁴¹, da Joice Ramos, sobre os artistas de rua. Fora dessa série, fizemos outros também, do “Cheiros, memórias e saberes”⁴², que é sobre o olfato, a relação entre esse sentido e a cidade, que também está lá no *YouTube*. Tem um que não foi lançado ainda, que a universidade fez 50 anos, em 2020, e a gente fez um filme com os egressos da universidade⁴³. Em 2013 teve uma greve grande, e fizemos dois pequenos curtas sobre essa greve⁴⁴. Tem um filme também narrando a luta pela terra⁴⁵, que é sobre a ocupação do MST numa pequena cidade aqui, na zona rural. “Juventude nas Trilhas do Primeiro Emprego”⁴⁶, que narra a busca pela primeira oportunidade no mercado após a formatura. Foi feito pela Profa. Maria Isabel Silva Bezerra Linhares e tivemos uma participação na montagem e edição. Teve outro, “O estivador, as histórias de fé”⁴⁷ é sobre uma senhora de Angola que veio para uma região rural aqui do Ipu, e ela diz ver Nossa Senhora. Daí as pessoas vão para lá em peregrinação para que

39 Artigo disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/80388>.

40 O filme pode ser visto no endereço: https://youtu.be/bzWE360b5kw?list=PLrKSbcOn7CPuBqjalijhUCb_Ol4pBCUgc.

41 Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=c_aQrXjfY8M&list=PLrKSbcOn7CPuBqjalijhUCb_Ol4pBCUgc&index=13.

42 Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=tSQQfxpJ4AI&list=PLrKSbcOn7CPuBqjalijhUCb_Ol4pBCUgc&index=23.

43 O filme citado é “UVA, 50 anos: trajetórias”, disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=iApb4Wmzt_U&list=PLrKSbcOn7CPuBqjalijhUCb_Ol4pBCUgc&index=33.

44 Respectivamente: “Greve na UVA 1”, disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=1zP9yziXag8&list=PLrKSbcOn7CPuBqjalijhUCb_Ol4pBCUgc&index=45; “Greve na UVA 2”, disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=PRB0p8WBHWM&list=PLrKSbcOn7CPuBqjalijhUCb_Ol4pBCUgc&index=43.

45 Filme “Narrando a luta pela terra”, disponível em: https://youtu.be/J3p-NzB-de8?list=PLrKSbcOn7CPuBqjalijhUCb_Ol4pBCUgc.

46 Disponível em: <https://vimeo.com/120681065>.

47 Disponível em: <https://vimeo.com/81630601>.

ela rezar nas pessoas. Tem uma série de atividades que fazem em função dessa senhora, e a gente fez um filme mostrando um pouco essa história.

Philipi Bandeira: Então eu queria entender um pouco mais de você, desse sentido de ser do LABOME, contextualizando-o na região Norte, em Sobral, desta nossa carência com o audiovisual, mas também de uma aptidão, de um desejo enorme. É bom situar as pessoas, porque Sobral já teve uma cena cinematográfica, digamos assim, não de produção, mas muito ligado à cinefilia no começo do século.

Nilson: Algumas envolvem a própria forma como a história oficial conta a história de Sobral. Você colocou outras coisas relacionadas à própria ideia da identidade cultural relacionada à sobralidade, você colocou também os movimentos desse campo do cinema que existem aqui. Pelo que entendi você quer saber um pouco do impacto do LABOME nesse campo da produção visual, de obras visuais. Essa última pergunta é complicada te dizer em função da minha posição de fala, eu acho que as pessoas que não estão junto conosco poderiam falar melhor, mas temos uma articulação interessante com os diferentes coletivos. O Augusto César (cidade de Meruoca), por exemplo, o próprio pessoal lá de Forquilha⁴⁸, inclusive a gente fez uma homenagem a eles em um dos Visualidades, que a Alice Martins (UFG) veio. A pesquisa dela é sobre esses coletivos que produzem cinema, mas por pessoas que não tem formação no cinema, que fazem do jeito que entendem o cinema. Eles não ficam muito colados nessa linguagem que se discute, mais erudita do fazer cinema. Em Forquilha, temos o Cine Cordel que produz muito cinema de longa-metragem, cinema de ficção, mas muito do jeito deles, tipo cenas em tempo real, sem cortes. Então eles não têm essa formação do campo do cinema, fazem e os filmes circulam demais, muita gente assiste. Ele até defende a pirataria dos filmes dele, fica morto de feliz quando chega aqui no mercado e vê os DVDs dos filmes dele sendo vendidos, sem ele nem saber que estavam sendo vendidos e sem ganhar nada com isso. Fizemos uma homenagem a eles no Visualidades, para passar a mensagem de que existem outras formas de comunicação que não são só essas acadêmicas, eruditas e que a gente aprende muito com elas. Essa filosofia é o que orienta um pouco o nosso trabalho, Philipi, e, às vezes, é bem vista, às vezes não é, depende por quem.

48 Se refere ao movimento cine-cordel da cidade de Forquilha, próxima a Sobral. Mais informações disponíveis no blog: <http://cinecordel.blogspot.com/p/blog-page.html>.

No ano passado, nos chamaram na Semana do Patrimônio, porque foi o ano que completou duas décadas que a cidade era tombada como Patrimônio Histórico Nacional. A primeira coisa que as pessoas questionavam nessa mesa, eu fui o último a falar, era uma preocupação: “porque o pessoal da periferia não vai visitar a Casa de Cultura, não vai visitar esses espaços do centro?” Quando foi a minha vez eu inverti a pergunta: “porque que vocês não vão para a periferia ver o que eles fazem?”. Então é isso que a gente está fazendo, a gente está indo para a periferia, que não é o movimento oficial da gestão do patrimônio aqui, infelizmente. O processo que foi levado ao IPHAN foi usado para a produção de um livro didático nas escolas de ensino fundamental sobre a história local e a história de Sobral. Se você for ver o livro, ele só conta histórias de prosperidade, riqueza, dos grandes nomes, os “grandes vultos” e aquilo me incomodava demais, porque eu sabia que tinha outras histórias. Inclusive, essa força do cinema aqui em Sobral, eu só vim descobrir numa entrevista que a gente fez com um morador lá do Sumaré, um bairro da periferia. Um senhor contava que trabalhava no cinema, lá no centro, eu acho que era no Cine Rangel, que era um cinema que depois virou uma igreja evangélica, depois de um tempo. Ele contava da força do cinema aqui, em determinado período histórico, inclusive, tinha um jornal especializado em cinema que discutia as obras e eu só fui saber disso, não pelo pessoal que trabalha com cultura, na gestão, eu fui saber com um morador lá da periferia. Tem muita gente da periferia que não vai no Centro mesmo e nem tem vontade, eu acho, às vezes. Mas aí eu me pergunto por que que o Centro não vai para a periferia? Porque a periferia tem muito a mostrar, tem muita coisa sendo produzida, do ponto de vista artístico, do ponto de vista das manifestações populares e isso é pouco valorizado. De um tempo para cá é que vem se descentralizando um pouco mais essa coisa que cultura artística se faz só nos equipamentos oficiais, mas ainda é muito incipiente. O que se produz na periferia é muito em função da autogestão dos moradores e quando acontece de a gestão pública dar algum tipo de apoio, ao invés de ajudar, muitas vezes desmobiliza esses grupos. Porque aqui

eu me pergunto por que que o Centro não vai para a periferia? Porque a periferia tem muito a mostrar, tem muita coisa sendo produzida, do ponto de vista artístico, do ponto de vista das manifestações populares e isso é pouco valorizado.

a gestão não é como a Política Nacional de Cultura, aqui tem um instituto que leva as pessoas para dentro da instituição, que é a ECOA, e elas perdem um pouco essa relação mais próxima com a comunidade e passam a se preocupar mais por lá. Não é todo mundo, mas às vezes acontece um pouco isso.

Eu nunca gostei muito desse tipo de relação e, em função disso, tenho investido muito. Agora, tudo que eu faço só consigo fazer porque tem muita gente comigo, muita gente boa, inclusive você, que ajudou em alguns momentos nas nossas atividades, assim como também ajudamos no teu filme, no “Mãe Lagoa”⁴⁹, de alguma forma. A Profa. Regina Raick, a Profa. Telma Bessa, a Wellingta Frota - o LABOME sem a Wellingta não é nada, é ela que coordena mesmo o LABOME. A minha atuação é mais nesse campo da captação de recursos, dos apoios dos projetos dos alunos, de orientação, e gosto muito também de fazer edição e montagem. Mas o LABOME mesmo, o acervo, a organização de tudo lá é ela. O Vicente, sem ele eu não consigo fazer as coisas que eu ando fazendo, e os bolsistas, a gente sempre teve muito, a gente sempre teve sorte em relação a isso, conseguia muitas bolsas e acabava dando um apoio muito grande. Inclusive, todos esses filmes aqui que eu listei, como eu disse, eu sempre coloco na responsabilidade de um aluno, de um bolsista, ele que é responsável por aquilo, inclusive, eu digo que estou trabalhando com patrimônio histórico, patrimônio cultural, mas acabo também me descolando um pouco mais disso em função das escolhas dos próprios alunos. Eu vou seguindo as escolhas dos alunos, assim como também vou seguindo as escolhas dos nossos próprios interlocutores de pesquisa e vão surgindo algumas coisas que eu também entendo que tenha a ver com patrimônio cultural, porque são coisas que são produzidas na cidade e que falam da cidade de alguma forma. Eles acabam tendo liberdade criativa e eu acabo também estimulando muito isso. Eu considero que é muito um trabalho coletivo, não é um trabalho meu, eu não sou o único responsável por isso. Mas socialmente acabam elegendo, todos os lugares acabam elegendo uma pessoa que é central e que acaba aparecendo um pouco mais, um pouco menos, e meu nome acaba se destacando, mas eu sempre

49 Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?v=eDWdenPydq8&list=PLrKsbcOn7CPuB-qlalijhUCb_OI4pBCUgc&index=38.

fico meio angustiado em relação a isso porque eu considero que não é responsabilidade só minha as coisas que fazemos.

Com relação a isso, a gente não pode dissociar a política cultural e a própria política de preservação do patrimônio da política e da moral. Tem muito a ver com os gestores a forma como estão pensando as expressões artísticas e culturais e acaba que a tendência - não tanto agora que as coisas estão um pouco mais descentralizadas - mas acaba que a tendência era sempre de valorização mesmo dessa história da riqueza, da prosperidade. A ideia do pioneirismo, essa palavra “ser pioneiro” é uma coisa que está muito colada a forma como se fala do sobralense na história oficial da cidade, é pioneiro em tudo. E é o pioneiro sempre nesse sentido, de prosperidade, de riqueza. Nesse livro didático que eu falei, ficava parecendo que aqui nunca teve pobre, nunca teve periferia, nunca teve miséria, exploração, nada disso, e eu estava vendo, isso estava na minha cara, eu via a periferia na minha frente, via a miséria, via a exploração, via a violência, via tudo isso. E aí, isso não faz parte da cidade? Eu só não gostava muito de fazer esse vínculo direto violência e periferia, porque violência não é da periferia, violência está em todo lugar, não é próprio da periferia e na periferia tem muito mais coisas do que isso, inclusive eu me sinto muito melhor fazendo pesquisa num bairro da periferia do que num bairro da elite daqui da cidade. Vamos na periferia, as pessoas recebem a gente muito bem, vão comprar pão, bolo, café, refrigerante e nos recebem, conversam, adoram aparecer na câmera. Aí vai para um bairro desses da elite aqui, como a Colina, toca o interfone, a pessoa não quer nem abrir a porta, sempre muito mal recebido. Eu sempre fui muito acolhido e via muita felicidade na periferia, via muitas coisas boas, e sempre me incomodou muito esse vínculo direto da relação violência e periferia. Foi um caminho que a gente foi querendo adotar, mostrar outras faces além da violência.

Philipi: Deixa-me aproveitar então, Nilson, mas você sentiu essa demanda pelo audiovisual na cidade?

Nilson: Eu nem sei muito avaliar qual o peso da importância do que fazemos para o campo da produção audiovisual. Eu sei, assim, acho que foi no IV Visualidades, criamos um fórum de artes visuais

a gente não pode dissociar a política cultural e a própria política de preservação do patrimônio da política e da moral.

e a ideia era mobilizar mesmo as pessoas que trabalhavam com essas linguagens, que foram inseridas no Visualidades: documentário, fotografia, desenho, pintura, instalações artísticas. Pouca gente veio na época, foi quando conhecemos algumas pessoas daqui da região que trabalham nesse campo, mas pouca gente. Eu lembro de uma pessoa lá do Acaraú, e depois desses outros grupos, o Natal, lá na Serra, o Josafá, em Forquilha, mas aqui em Sobral era muito aquela coisa das produtoras para trabalhos audiovisuais que não são necessariamente de cinema ou documentário (tipo aquele povo que vai para casamento fazer registro e faz o filme ou também profissionais das próprias redes de televisão que se instalaram aqui; o próprio Ivanésio que veio ajudar a gente durante um tempo, que era câmera da TV Verdes Mares e acabou também montando uma produtora).

Víamos muito a necessidade de um apoio do poder público para os poucos grupos que existiam, a demanda maior era essa, inclusive: “eu preciso do apoio do poder público para fazer as coisas”. No nosso caso, em particular, temos uma diversidade maior de fontes em função do vínculo acadêmico, investimos muito nos editais mais acadêmicos do CNPq, CAPES, FUNCAP e ganhamos uma certa autonomia com relação a gestão pública da cultura aqui. Algumas vezes, em função de vínculos pessoais, a própria Regina atuou muito na ECOA e a gente acabou se aproximando demais, muitas das nossas exposições foram lá, também teve aporte de recursos, mas nunca ficamos exclusivamente presos à gestão da cultura para poder fazer as nossas coisas, tínhamos um pouco de autonomia com relação a isso. Depois de um tempo, vimos a criação do fórum - tem um fórum de audiovisual na cidade - que acabou também envolvendo algumas pessoas das outras Artes Visuais e eles começaram a se organizar independentemente da nossa intervenção e da nossa participação. Soubemos depois e começou a se integrar mais ou menos a esse grupo, foi até em função dessa proximidade que fizemos essa atividade com a Cornélia Eckert e com o Marcos Antônio, para conhecer a produção desse grupo que começava a se mobilizar, a se organizar. Começavam a fazer eventos na cidade, no Largo das Dores, fazer exibições de filmes, pessoas daqui também começaram a produzir. A gente sempre foi um pouco independente desses coletivos, mas não deixamos de nos relacionar, e também um pouco independente da própria gestão da cultura aqui na cidade, mas não deixamos de nos relacionar. O problema é que alguns grupos acabam

entrando na gestão e isso vai causando também desmobilização para a pouca mobilização que existe e fica aquela dependência exclusiva do poder público. Não estou defendendo que não deva ter, acho que tem que ter, não é essa a questão.

Mas, às vezes, dependendo da forma que se faz a gestão dos recursos voltados para a produção desse campo, ao invés de ajudar, faz é desmobilizar esses coletivos. O próprio Conselho Municipal de Cultura não funciona e os instrumentos de participação política de inserção desses coletivos acabam sendo esvaziados justamente porque, às vezes, os grupos se deixam engolir um pouco pela gestão e viram a gestão. Esse é um pouco o movimento que vem acontecendo aqui em Sobral e, pelo menos da nossa parte, a gente sempre vem procurando ter essa independência e essa autonomia, fazendo escolhas para não ficar dependendo exclusivamente da gestão, sem deixar de fazer e de procurar parcerias, mas realmente como parceiros e não como dependentes. É lógico que algumas coisas que a gente vai produzindo incomodam, mas, em função de um certo prestígio que a gente vai ganhando, isso é aceito e a gente vem, a partir da nossa resistência, dessa produção que vai incomodando, fazendo com que as coisas possam ir se transformando aos poucos. Não no sentido de estar participando mais ativamente dos instrumentos de participação, mas indo para as comunidades, fazendo trabalho de base, estando junto dos movimentos que existem. Ao invés de estar lá incentivando a gestão a financiar movimentos como o Slam, a gente está junto do Slam, do pessoal do rap, do pessoal do FOME, ajudando no trabalho deles. E não somos nós que dizemos o que eles têm que fazer, pelo contrário, são eles que dizem “você podem nos ajudar dessa forma, vocês podem fazer isso e aquilo.” E aí vamos lá juntos, negociando, dialogando de igual para igual. Se isso está causando um impacto na política cultural? Talvez sim, mas isso ainda não vai promover uma revolução na forma de pensar a política cultural aqui, a gente está fazendo o nosso trabalho, mostrando resistência a determinadas concepções e está tentando manter a coerência nesse sentido. Não sei se era isso que você estava querendo saber, mas é um pouco por aí.

Claudia Turra: Comparando o contexto de criação do LABOME, que você apresentou antes, com o contexto atual, quais são as táticas de resistência frente a essa nova política educacional de desmonte do ensino público? E, por outro lado, já que costumamos perguntar sobre “conselhos para

um pesquisador iniciante”, agora eu inverteria: como nós também temos a aprender com esses pesquisadores iniciantes e o que a Antropologia pode aportar para estes/as jovens, que muitas vezes já chegam na universidade sabendo trabalhar com imagens, edição, mídias sociais? O que a Antropologia e as Ciências Sociais podem aportar para eles?

Nilson: A gente está fazendo isso, Claudia, produzindo essas contra-narrativas e vendo no que dá, vamos mantendo, tentando manter, com os poucos recursos que a gente tem. Antigamente, como eu disse, tínhamos mais recursos, era mais fácil conseguir recursos estando dentro de uma universidade e estando também numa pós-graduação, mas está ficando cada vez mais difícil e uma das saídas que a gente está encontrando é exatamente fortalecer ainda mais esses trabalhos colaborativos com os grupos que já temos proximidade.

Todos esses projetos que eu mostrei para vocês que estão em andamento, todos eles, são resultado desse tipo de esforço colaborativo, principalmente com a comunidade e com os movimentos sociais da periferia, quase exclusivamente. Esse próprio processo de ocupação das redes sociais que estamos fazendo, do *YouTube*, *Instagram*, a inserção dessas novas tecnologias que conseguimos com o aplicativo do smartphone, que está meio parado porque quem assumiu essa responsabilidade foi um aluno que já se formou. Ele era do mestrado da Geografia e defendeu a dissertação com base nos mapas que estavam sendo produzidos pela comunidade no aplicativo. Estamos tentando ver se conseguimos recursos para ampliar esse aplicativo porque o raio de ação dele se limita a Sobral; se uma pessoa

Todos esses projetos que eu mostrei para vocês que estão em andamento, todos eles, são resultado desse tipo de esforço colaborativo, principalmente com a comunidade e com os movimentos sociais da periferia, quase exclusivamente.

quiser usar em Fortaleza já não dá, em função do repositório em que são guardadas as imagens, os áudios... ele é um repositório gratuito, então tem um limite e estamos vendo como mudar algumas coisas nesse aplicativo, estamos tentando ver se conseguimos recursos, até para ele poder circular em outros locais. Temos alguns contatos na própria UFC, de professores que tiveram interesse de usar também nos trabalhos deles de cartografia social, já que todo trabalho

de cartografia social é vinculado às comunidades, sejam elas rurais ou periféricas. Se esses mapas pudessem estar circulando em outros lugares, seria interessante porque também iremos vendo esses mapas mentais produzidos pelas comunidades a partir dos seus interesses, o que elas estão querendo mostrar do seu lugar.

Estamos resistindo da forma como podemos. O próprio X Visualidades não teve recurso nenhum, achamos a solução de aproveitar os eventos que tinham recurso. Participamos da Semana do Patrimônio e fizemos atividades do Visualidades lá; aproveitamos o evento Saberes para fazer oficinas, conferências e tivemos a colaboração de colegas. A própria Daniele Ellery (UNILAB) veio para cá, eu até consegui umas diárias para ela da FUNCAP, mas, mesmo assim, está cada vez mais difícil. Ela veio para um evento que, na verdade, é uma semana de abertura do curso com várias atividades e incluímos o Visualidades lá. O X Visualidades foi assim: pedimos espaço emprestado para os eventos que tinham recurso porque não tínhamos e ia ser o segundo ano que o evento não seria realizado, então era uma questão de honra e conseguimos fazer. Tivemos dificuldade nas exposições, fizemos parcialmente e os filmes conseguimos circular, eles acabam tendo mais adesão: foram 39 lugares, em 13 cidades. Às vezes, a própria gestão municipal estimula que a gestão da educação incorpore essas atividades. Lá em Jijoca foi assim: um professor, colega nosso, fez o contato com o Secretário de Educação de lá e ele apoiou, financiou banner, camisa, um monte de coisa. Aqui também, em Sobral, o Secretário de Educação achou interessante e incentivou que os professores incluíssem essas atividades nas disciplinas deles. Os próprios professores fizeram as exhibições dos filmes, a monitoria, o debate. Porque a ideia não é só mostrar os filmes e criar público, é também promover o debate com relação à linguagem e os conteúdos que estão sendo trabalhados nos filmes e acaba coincidindo dos professores terem interesse nesses temas que estão sendo discutidos. Incentivamos até que eles escolham os filmes, informamos a proposta de cada um e eles fazem os debates. Pedimos que eles filmassem isso e usem na divulgação que fazemos do evento, além de ficar também como acervo porque não descartamos o material bruto, guardamos tudo.

Como temos agora espaço ilimitado em nuvens, não está tendo mais problema. Tínhamos problemas antes quando guardávamos tudo em HDs, todo projeto comprávamos vários HDs de 4tb, enormes, para guardar, e

isso gerava muita dor de cabeça porque se perdia, alguns se danificavam. A ideia é que esse acervo possa gerar também outras obras, que não fique vinculado só àquela obra específica que produziu o acervo, mas que possa gerar também outras que possam estar circulando. Temos todo o cuidado, estudamos a legislação sobre arquivismo. A Wellingta, inclusive, fez cursos sobre isso e tem todo cuidado com relação aos direitos autorais, os direitos de imagens, tentamos ter todos esses cuidados e todo material bruto está guardado, exatamente, porque sabemos que vai ser usado também para outras finalidades, outros pesquisadores vão também poder ter acesso. Se tem uma entrevista específica que usamos somente dois minutos lá no documentário, temos também a entrevista completa lá, se quiser, que vai ter outros trechos que podem ser usados por outros pesquisadores. Temos uma fichinha falando dos temas de cada entrevista, está tudo organizado e catalogado para facilitar a consulta. A ideia é disponibilizar isso de forma digital no nosso site, tipo faz o CPDOC⁵⁰, o Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/UFRGS), e vários outros laboratórios que trabalham com acervos, que as pessoas possam estar pela internet consultando e com os devidos cuidados, respeitando toda a legislação relacionada a essa questão.

Teve uma coisa que fizemos, que talvez seja até retirada a minha revelia, lá no curso de Ciências Sociais. Como não temos disciplina de Antropologia Visual obrigatória, ela é opcional, a gente criou uma disciplina chamada Prática de Arquivos em Ciências Sociais, que é ministrada no terceiro período. Ela acaba servindo também para incluir essas discussões das Antropologia Visual porque vai trabalhar com acervos em outras linguagens, não só a escrita. Então acaba discutindo também questões relacionadas à Antropologia Visual e vai criando essa cultura de preservação de acervos em diferentes suportes para facilitar o trabalho de conclusão de curso do aluno, assim como na atuação profissional. A gente acaba usando o LABOME como suporte, tem também um outro espaço chamado NEDHIS⁵¹, que é vinculado ao curso de História, que nós também incentivamos que os alunos conheçam. O NEDHIS é um arquivo mais de documentação escrita, então eles acabam ganhando também um pouco desse aprendizado de uma cultura de preservação de fontes de pesquisa. Na disciplina, ensinamos como produzir essas

50 Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

51 Núcleo de Estudos e Documentação História (NEDHIS) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

fontes, como preservar, e ensinamos também como usar essas fontes de divulgação - textual e imagética- dentro dos trabalhos e como suporte. Foi uma estratégia que usamos exatamente para inserir essas discussões da Antropologia Visual no currículo do curso, de alguma forma. Mas parece que vai ter uma revisão do currículo e essa disciplina pode ser retirada. Eu ainda vou tentar ver se consigo preservar em outro lugar ou dentro de uma outra disciplina, as discussões do campo da Antropologia Visual e da preservação de acervos. É sempre muito difícil porque dentro da própria instituição, dentro da própria universidade, Claudia sabe disso, Philipi também, às vezes tem muita resistência de entender essas linguagens como fontes, ou como método, ou como divulgação mesmo de trabalhos finalizados. E aí vamos tentando, brigando, lutando, vendo como conseguir resistir cada vez mais.

A UVA, hoje, tem uma característica que recebe gente de cerca de 50 municípios próximos ou distantes aqui de Sobral, até municípios do Piauí, e boa parte dos nossos alunos, pelo menos das Ciências Sociais, vêm de famílias de baixa renda e alguns também vem de comunidades rurais, vem do campo. Você falou desse perfil de estudante que já entra sabendo um pouco, já tendo afinidade com a imagem, com as redes sociais, talvez até no sentido de usar o *Instagram*, de pegar o celular e bater uma foto, mesmo que não limpe a lente, mesmo que não tenha aqueles cuidados, mas tira foto e bota lá no *Instagram* ou no *Facebook*. A gente percebe nos estudantes a ideia que a imagem ainda é um retrato da realidade, como se fosse um espelho; eles não têm essa noção que é um conceito, uma concepção, uma forma de mostrar, de fazer, de pensar, não tem essa discussão que a gente vai aprendendo, de como é que as imagens pensam conosco, como diz o Etienne Samain. Então precisamos ter esse esforço de inserir o estudante nessas discussões, de como realmente ler a imagem, ele não entra alfabetizado para saber ler a imagem, ele vê como se fosse o real, às vezes, e isso ele precisa aprender. Uma estratégia que estamos

A gente percebe nos estudantes a ideia que a imagem ainda é um retrato da realidade, como se fosse um espelho; eles não têm essa noção que é um conceito, uma concepção, uma forma de mostrar, de fazer, de pensar, não tem essa discussão que a gente vai aprendendo, de como é que as imagens pensam conosco, como diz o Etienne Samain

usando é essa dos grupos de estudos, nos quais você tem a apreciação dos trabalhos, fez exposições fotográficas ou de desenho, de documentário, mas também acaba entrando nas outras linguagens, da apreciação. Não só discutimos os conteúdos, já que os alunos, quando veem um documentário, se prendem mais ao conteúdo dele, ao tema que ele está discutindo, mas a estética não se discute, as opções estéticas porque eles não sabem como ler ainda. Fazemos isso na prática, também vão lendo textos de pessoas da área, principalmente da Antropologia Visual, e fazendo as relações. Vamos também a campo, cada um dos alunos envolvidos nesse grupo tem os seus projetos individuais e todo mundo ajuda todo mundo. Então, ao invés de ter uma equipe fixa, no próprio grupo vamos discutindo entre nós: “olha, eu estou precisando fazer uma gravação que seria uma entrevista” e, lá no grupo, tem pessoas que têm mais experiência com captação de imagem e de áudio, noção de iluminação, e outras que não têm. Essas pessoas, incentivamos a participar, a ir com quem tem mais experiência e fazer as gravações. Sempre pensamos coletivamente esses projetos individuais e mostra: “ficou legal assim, mas você poderia ter feito nessa outra posição”, vai discutindo posição de câmera, iluminação, estética, vai discutindo uma série de coisas com base nas próprias produções dos alunos que estão nessas experiências de campo.

Vai tentando fazer todo esse caminho, ir gerando o aprendizado, mas só trabalhamos com aqueles que têm interesse pela linguagem e de ir além do que esses usos nas redes sociais permitem. Vamos aliando as experiências práticas com a reflexão teórica, sempre de forma muito coletiva. Eu tento estimular, mas ainda fica aquela ideia “é o professor”; não é não, pode falar, é você que vai conduzir hoje. A ideia de promover essa responsabilidade do aluno também estar participando da formação, não só como aprendiz, mas também tentando ensinar alguma coisa, eu acho que é interessante, acho que vai democratizando um pouco mais o processo de aprendizado e a gente também, como professor, vai aprendendo algumas coisas, tem a ver com as experiências de cada um. Como vem gente de muitos lugares, sempre acaba tendo referências bem interessantes que vão promover alguns aprendizados. Então o conselho para os iniciantes são esses, de eles começarem a se envolver, participar por interesse próprio e não só participar naquela posição de aprendiz tradicional, mas de um outro tipo de aprendiz, que assume responsabilidades, que assume essa condição de

estar participando da formação de uma maneira mais coletiva, sendo mais protagonista também dessa formação. Porque se não tiver esse desejo, se não tiver esse interesse, esse tesão pelo que está fazendo, vai ficando um pouco mais difícil de aprender, tem que tomar a iniciativa de ir atrás e a gente sempre está lá recebendo as pessoas. O Philipi sabe disso: a gente sempre é muito receptivo, aqueles que têm interesse de estar conosco, aprendendo alguma coisa com a gente, do pouco que a gente sabe. Estamos lá para compartilhar experiências. Eu acho que é um pouco por aí. Essa questão da apreciação das obras, de ver filmes, eu acho que é muito importante, sem desvincular da formação teórica e prática, eu acho que é fundamental. Além dessa coisa da apreciação, da prática, eu acho que é importantíssimo a formação como antropólogo, exatamente em função da necessidade da pesquisa. Saber fazer a pesquisa e relacionar isso com as linguagens visuais enriquece demais o nosso trabalho. Então, nós somos antropólogos e a gente usa as linguagens visuais como fonte, como método e como divulgação dos nossos trabalhos. Então ter uma formação forte nesse campo da Antropologia é importante, assim como mostrar que a Antropologia não se faz só de texto.

**ter uma formação forte nesse
campo da Antropologia é
importante, assim como
mostrar que a Antropologia
não se faz só de texto.**



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 342 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:
Julho de 2022.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Série
Território
Científico

SER
TÁO
CULT

O ano de 2022 segue nos presenteando com os frutos do projeto Território Científico. Chegamos agora ao terceiro volume, Trajetórias pessoais na antropologia (audio)visual no Brasil, na verdade, o primeiro livro de uma série de três, trazendo alguns dos maiores nomes da Antropologia (áudio)Visual brasileira.

É possível aprender muito com grandes mestres. Com os mestres reunidos neste livro, aprendemos que uma trajetória não é um caminho solitário, que a Antropologia não se faz só de texto, é visual, é a arte da escuta, é uma forma de se aproximar do mundo, de nos tornarmos protagonistas da nossa própria história, que não há uma Antropologia que não dialogue com as outras áreas. Aprendemos ainda que se agirmos como se estivéssemos sempre encantados, poderemos perceber que a representação está carregada de afetos, que a generosidade, a solidariedade e o sonho existem. E podemos conhecer juntos, e podemos aprender que as imagens se recusam a dizer o que pensam, porque pensam de outra maneira.

Realização:



Apoio:



LEPPAIS
Laboratório de Etnia, Pensamento e Práticas
em Antropologia da Imagem e do Som

ISBN 978-655421012-6



9

786554

210126